Introdução

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

O presente Simpósio que o ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO tem a satisfação de registrar neste volume e de divulgar aos seus leitores não deve ser considerado como um evento isolado, desconectado de um conjunto de atividades afins que, de diferentes maneiras e em diversas ocasiões, buscaram equacionar os rumos da antropologia no Brasil. Ao contrário, este Simpósio sobre "Os Rumos da Antropologia na América Latina" se constitui em um desdobramento de uma série de iniciativas daquele teor, onde a pesquisa sempre esteve presente, mesmo quando associada ao ensino, particularmente à pós-graduação. Ficaram conhecidas, nesse sentido, as reuniões promovidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 1974, 77 e 78 destinadas à elaboração de documentos de "Avaliação e Perspectivas" de grande número de áreas e subáreas do sistema de pesquisa científica e de ensino avançado no País. Em todas essas ocasiões, a Antropologia compareceu mobilizando um bom número de profissionais dentre os seus mais renomados e atuantes membros da comunidade acadêmica e científica.

A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), por seu lado, tem incluído, freqüentemente, nas programações de suas reuniões, a oportunidade de discutir o desenvolvimento da disciplina, quer em sua relação com a pesquisa, quer com relação ao seu ensino. Vale lembrar, por exemplo, a reunião de 1976, realizada em Salvador, Bahia, onde pudemos apresentar um diagnóstico do estado e da potencialidade da Etnologia Brasileira, no âmbito do Simpósio sobre "Pesquisas Urgentes em Etnologia Indígena", organizado por Pedro Agostinho.

Com essa mesma intenção de efetuar um levantamento do ensino pós-graduado de Antropologia Social em escala lati-

no-americana, tomamos a iniciativa de organizar — com a colaboração de Otávio Guilherme Velho — e sob a égide do Convênio UFRJ/UnB, um "Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social" que permitisse a troca de informações e de idéias entre antropólogos do México, Peru e Argentina com seus colegas do Museu Nacional, da Unicamp e da Universidade de Brasília, estes últimos como representantes do setor que mais ativamente vinha implementando o ensino avançado entre nós. Tal Encontro teve lugar em 1977, no Hotel Glória, na cidade do Rio de Janeiro, e contou com o patrocínio da Fundação Ford. A ele compareceram colegas das três instituições brasileiras mencionadas, além de antropólogos convidados do México, Arturo Warman, do Peru, Fernando Fuenzalida, e da Argentina, Leopoldo Bartolomé; participaram como observadores os colegas Richard Adams e Wiliam Mangin, dos Estados Unidos, e Brian Roberts, da Inglaterra.

Um outro evento que deve ser mencionado à guisa de ilustração dessa série de iniciativas que tiveram lugar nos anos 70, seja no Brasil, seja no exterior, foi a "Reunião Técnica de Antropólogos e Arqueólogos da América Latina e do Caribe", promovida pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e pelo Instituto Indigenista Interamericano (III) e realizada em dezembro de 1979 na Fazenda Cocoyoc, Estado de Morelos, México. *O Anuário Indigenista* (vol. XXXIX, 1979, pp. 109-133) e a revista *América Indígena* (Vol. XL, 2, 1980), publicações do Instituto Indigenista Interamericano, registram a reunião e divulgam os relatórios. Alguns dos participantes daquela reunião, como Guillermo Bonfil Battalla, Enrique Mayer, Júlio Cezar Melatti, além de nós próprios, presentes neste Simpósio, puderam testemunhar a quantidade de informações obtidas e a alta significação da troca de idéias então havidas.

A idéia deste Simpósio sobre "Os Rumos da Antropologia na América Latina" segue, portanto, essas experiências de intercâmbio na área da Antropologia a nível nacional e internacional. Sua inserção na XII Reunião Brasileira de Antropologia, realizada na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 14 e 17 de julho de 1980, teve o patrocínio da Fundação Ford, para os convidados estrangeiros, e do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para os nacionais, cabendo-nos a sua coordenação por designação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

Considerando-se que, dentre os diferentes países da América Latina, a Antropologia Social apresentava-se melhor institucionalizada no México, no Peru e no Brasil, decidiu-se convidar três colegas de cada um desses países a fim de que os mesmos pudessem informar sobre o estado e o desenvolvimento das áreas de suas respectivas especialidades, no intuito de se obter um quadro inteligível sobre as tendências e os progressos da disciplina naqueles centros. Os resultados da reunião de Morelos, alcançados por um profícuo debate entre representantes de treze países, indicaram, consensualmente, México, Peru e Brasil como os países onde a Antropologia Social se fazia da maneira mais sólida e mais dinâmica, mercê da estrutura de ensino e de pesquisa neles prevalecente; tal fato viria justificar o acerto da escolha daqueles países e a oportunidade da intenção da ABA em colocá-los frente a frente num plano comum de comparabilidade.

Devido a razões editoriais, o ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO publica as comunicações de apenas uma parte dos participantes, a saber, dos colegas Guillermo Bonfil Battalla, então Diretor do Centro de Investigações Superiores do Instituto Nacional de Antropologia e História (CISINAH) e de Tereza Rojas Rabiela, pesquisadora do mesmo Centro, ambos do México; de Jorge A. Flores-Ochoa, Professor da Universidade Nacional de Cuzco e Diretor do Instituto Nacional de Cultura da mesma cidade e de Juan Ossio, Coordenador de Pós-Graduação em Antropologia, da Pontifícia Universidade Católica do Peru; e de Júlio Cezar Melatti, Professor da Universidade de Brasília. Os demais participantes foram Alexandro Ortiz Rescaniere, Professor de Antropologia da Universidade San Marcos e Católica, de Lima, Peru, que discorreu sobre "Os estudos de mitologia andina"; Guillermo de La Peña, Coordenador do Mestrado em Antropologia Social do Colégio de Michoacan, Zamora, México, que falou sobre a "Antropologia Regional no México"; Ruben George Oliven, Coordenador do Programa de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tratou do tema "A Antropologia em Cidades Brasileiras"; Otávio Guilherme Velho, Professor do Museu Nacional, que abordou "Os estudos sobre campesinato e sociedade agrária no Brasil"; e, finalmente, Enrique Mayer, Chefe de Pesquisa Antropológica do Instituto Indigenista Interamericano, que encerrou o Simpósio com uma síntese crítica das apresentações e dos debates que tiveram lugar.

Cabe-me agradecer às instituições patrocinadoras, Fundação Ford e CNPq; à ABA, através de sua Secretária Geral,

Yonne de Freitas Leite, do Museu Nacional, incansável em assegurar a infra-estrutura para o bom seguimento dos trabalhos, e ao nosso colega, Gilberto Velho, também do Museu Nacional, por seu auxílio na organização do conclave, entrando em contato pessoal com os antropólogos do Peru e nos indicando seus nomes para participantes do Simpósio.